

## APRESENTAÇÃO

A feliz circunstância de a revista *Cadernos de Literatura Comparada* do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa ter chegado, em 2024, à publicação do seu número 50 proporciona, e inclusive convoca, um balanço retrospectivo e prospetivo sobre a relevância científica e crítica cultural da disciplina “Literatura Comparada” num quadro epistemológico em constante mudança, o qual repercute as profundas mutações identitárias e culturais geradas pela emergência de uma leitura crítica do fenómeno literário em contexto global.

Com efeito, enquanto disciplina, a literatura comparada vê-se interpelada por novos campos do saber e da investigação numa profícua e complexa interseção epistemológica em que vão ganhando relevo abordagens ligadas à concorrente globalização da literatura, ao papel e estatuto da tradução, à afirmação dos Estudos Culturais, Pós-coloniais e Decoloniais, assim como à atenção aos suportes e extensões intermediais do texto literário.

Na verdade, ao longo destas duas últimas décadas da sua existência, novos ou reconfigurados desafios foram surgindo à Literatura Comparada que importa revisitar, descrever e sistematizar criticamente com base em contributos de vozes autorizadas e prestigiadas, no sentido de poderem ser equacionadas, a partir de um discurso científico já consolidado, novas linhas e tendências da investigação comparatista, questões temáticas e aporias metodológicas emergentes, bem como caminhos a descobrir e obstáculos a transpor.

Assim, Jan Baetens aborda a questão do comparatismo literário, tecendo comentários sobre um tema que, durante muito tempo, foi visto como tipicamente pós-moderno, mas que, segundo ele, conhece atualmente uma atenção crítica inesperada: a metaficção. Este teórico considera a metaficcionalidade como um subcampo do domínio mais vasto da metatextualidade, e um tópico transversal e problemático com que a literatura comparada se confronta de modo inédito hoje, e em que são os elementos e mecanismos do texto a sugerir as estruturas e propriedades do próprio texto. Mais especificamente por “metaficção implícita”, Baetens entende um tipo de metaficção que não é explicitamente assinalado pelo narrador ou pelo texto, mas que é revelado pelo esforço hermenêutico do leitor sensível às propriedades metatextuais da escrita, o que o artigo ilustra recorrendo a vários textos ficcionais de espaços literários plurais.

Assumindo o estatuto paradoxal da literatura enquanto hiper-objeto inclusivo, constituído inevitavelmente por uma multidão de objetos e por uma diversidade de disparidades, Jean Bessière advoga, na era da literatura-mundo, uma abordagem do fenómeno literário que se adegue a uma ontologia débil, a do nosso próprio mundo atual. Distanciando-se assim radicalmente de uma conceção da literatura enquanto discurso do Ser, que coincida com o Ser, ou que pretenda imitar a linguagem, este autor defende uma abordagem “sem cálculo” da leitura literária assente na omnitemporalidade e a ubiquidade da literatura, mas nunca na ambição de uma qualquer Totalidade.

Helena Buescu, por sua vez, numa entrevista inicialmente publicada no *Journal of Foreign Languages and Cultures*, em 2023, agora numa versão ampliada, salienta a importância e pertinência em se considerar a literatura-mundo como uma literatura-mundo comparada, enquanto forma mais complexa de leitura que faz emergir uma diversificação dos cânones mundiais e atentar nas dissemelhanças. Helena Buescu assinala a alteração hermenêutica que, por consequência, tem lugar, a literatura-mundo comparada ampliando, por esta via, a tomada de consciência de diferenças geográficas, históricas e simbólicas e contribuindo para a sua valorização, ao sublinhar a forma como dissemelhanças textuais e culturais podem, justamente, corresponder a um enriquecimento da experiência.

Partindo do reconhecimento que o recurso generalizado ao digital não tem merecido análises permanentes do foro epistemológico, metodológico e ético nos estudos literários, e em particular na Literatura Comparada, Ana Paula Coutinho no seu estudo propõe-se desenvolver uma reflexão que permita considerar a ideia e práticas da Literatura Comparada no século XXI, procurando mostrar que as Humanidades Digitais representam para a Literatura Comparada não um risco, mas mais um repto de (auto-) reflexão no que toca, em particular, ao presente e ao futuro da leitura literária. Num balanço de alcance prospetivo, trata-se de atentar nas implicações do digital na criação e na receção da literatura, avançando-se com um conjunto de princípios a não esquecer pelos comparatistas para que se não desvirtuem as especificidades relacionais da Literatura Comparada e o diálogo interdisciplinar.

Eduardo F. Coutinho debruça-se sobre o “novo comparatismo”, procurando dar conta dos questionamentos que uma Literatura Comparada, mais presa ao cânone da tradição ocidental, tem ao longo do tempo experimentando face a diversas propostas críticas não apenas valorizadoras de novos objetos de atenção, durante muito tempo esquecidos ou desprezados, mas também oriundas de espaços disciplinares que não os dos Estudos Literários e espaços geoculturais não europeus. O autor procura assim discutir a possibilidade de constituição de uma “geocultura latino-americana”, ou seja, a interseção necessária entre a reflexão, a cultura e o solo. Tendo como eixo o estudo das relações entre este novo tipo de comparatismo e a produção tanto literária quanto teórico-crítica latino-americana, pretende-se pôr em relevo a importância da diversidade de epistemologias outras.

Theo D’haen, por seu lado, propõe uma periodização crítica sintética das mutações sofridas pela literatura comparada no seu contacto com a literatura-mundo e na sua relação com o texto literário na língua original ou traduzido, mas também numa articulação com o contexto cultural e identitário próprio a cada época. Assim, evocando um tempo em que a literatura comparada se fundava na leitura académica de várias literaturas eminentemente eurocêntricas e legíveis no original, D’haen percorre as últimas décadas em que a matriz multiculturalista e pós-colonial tem favorecido naturalmente a literatura traduzida, já não unicamente ocidental, mas oriunda de espaços emergentes, arrastando a crítica literária para uma espécie de monolinguismo teórico anglo-saxónico problemático, ou pelo menos paradoxal. Atento às mais recentes tendências metodológicas da literatura-mundo enquanto paradigma renovado da literatura comparada, D’haen observa uma salutar reabilitação das

diferentes culturas e línguas no âmbito dos Estudos de Área ou trans-áreas, em que a Europa vai perdendo relevância geopolítica e geosimbólica.

Este volume integra ainda um exercício crítico comparatista levado a cabo por Vita Fortunati que elege como propósito analisar o romance utópico de Aldous Huxley, *Island* (1962), comparando-o com questões expostas nos seus últimos ensaios (*Science, Liberty and Peace* (1946), *The Human Situation* (1959), *The Politics of Ecology-The Question of Survival* (1963) e *An Encyclopaedia of Pacifism* (1972)); questões como a importância de uma sociedade integradora, a guerra como um dos grandes flagelos do século XX e uma visão ecológica.

Ana Gabriela Macedo propõe-se refletir sobre o estado da arte da Literatura Comparada em Portugal, num cruzamento com conceptualizações e inquietações, de ontem e de hoje, quanto ao campo específico e ao objeto da disciplina que extravasam fronteiras geográficas e localismos, lembrando momentos, figuras, exemplos de reflexão crítica que marcaram o Comparatismo nacional e internacional. Neste contexto, não ignora o que denomina “fértil polémica em torno do território próprio” dos Estudos Comparatistas, chamando a atenção para os produtivos contrapontos críticos resultantes do desenvolvimento de disciplinas e contributos críticos a permitir uma constante auto-indagação e fazendo da Literatura Comparada “porto franco literário e cultural”.

Daniel-Henri Pageaux propõe uma retrospectiva da investigação por si levada a cabo nas duas últimas décadas, num período em que a geocrítica se afirmou e consolidou como possível leitura comparada dos textos literários, tendo marcado uma viragem epistemológica nos estudos sobre a relação entre literatura, lugar e espaço. Depois de recordar uma revisão crítica assente num novo quadro conceptual a três níveis (geocrítico, geopoético e geosimbólico), Pageaux apresenta uma série de leituras, centradas na geopoética, e mais especificamente na geosimbólica; conceito esse que, na aceção deste académico, remete para um imaginário da língua indiferente à nacionalidade literária, ou à maior ou menor dimensão simbólica e institucional do espaço literário em que os textos são produzidos.

Tendo como objeto de análise a relação entre os discursos da Literatura-Mundo e da teoria da literatura, e entre a teoria e a poética vistas de forma comparada no contexto das culturas do Ocidente, do Médio Oriente e da China, Galin Tihanov defende que os conceitos de teoria e poética não devem ser vistos como sinónimos. Teoria e poética são noções que, nestes espaços culturais, se formaram e funcionam de forma diferente. A análise destas diferenças implica que utilizemos instrumentos conceptuais que vão além daqueles que a epistemologia ocidental, com todas as suas pressuposições, é capaz de colocar ao nosso dispor.

O volume encerra com um breve depoimento de Gonçalo Vilas-Boas que, durante cerca de quinze anos de direção do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, testemunhou muitos dos desafios e mudanças no campo dos Estudos Comparatistas.

Aos autores que generosamente aceitaram o nosso repto, o nosso muito obrigado e aos leitores deste número o desejo de uma produtiva reflexão.

A Direção